

Joelmir Beting

*“O que o Brasil precisa, agora,
é de homens honestos.”*

Anísio Abraão David, banqueiro do bicho, citado por Ruy Castro



Plano Titanic

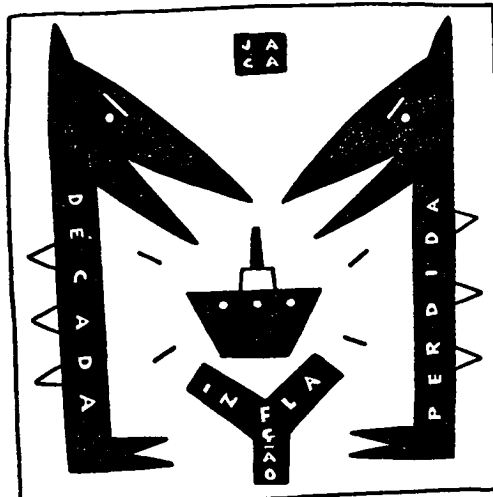
Ministro novo, programa novo. Vem aí o Plano FHC. Para variar, um plano econômico abrangente e consistente, tangido pelo guante da austeridade orçamentária — sempre prometida e nunca executada. Uma carta de intenção voluntarista, como toda carta de intenção. Ela se compromete com a amarração de um pacto político sem paralelo, do tamanho da emergência nacional.

□□□ O ministro Fernando Henrique Cardoso não é ingênuo. O risco é calculado: é agora ou nunca, é tudo ou nada. Ele coloca na agulha o último cartucho do governo Itamar Franco. Que pode ser o último suspiro de uma segunda década perdida.

□□□ Catastrofismo de lado, se o desmanche nacional não for estancado (e revertido) ainda este ano, Feliz 1995. Não mais teremos como fazer a travessia de 1994. Até a CIA já ligou esse desconfiômetro. Estamos sentados na bomba. Literalmente. Uma ninguenzada sem futuro, integrada por 70 milhões de cidadãos de quinta classe, nada mais tem a perder. E essa guerra civil já começou.

□□□ Os políticos brasileiros — e certas elites que deles se servem — preferem transar as eleições do ano que vem, ignorando as decisões do mês que vem. São os ilustres passageiros da primeira classe do Titanic, refestelados no salão de festas. A noite está fria, o mar está calmo, o nevoeiro sugere um bom conhaque...

□□□ Dom Quixote, o ministro Fernando Henrique Cardoso arrisca um primei-



ro choque no setor público — antes mesmo da revisão constitucional. Essa revisão vai começar só em outubro — se começar. E o Brasil não tem mais tempo a perder. A bomba ligada tem relógio, mas o relógio não tem ponteiros. A contagem regressiva pode zerar a qualquer momento. É o que o ministro vai dizer ao povo em cadeia nacional de rádio e televisão.

□□□ Em vez da revisão constitucional, a negociação política. E bota negociação nisso. Falou corte de despesas, falou corte de cabeças. Cabeças de políticos ou cabeça do próprio ministro. A classe política tem instinto de conservação. Ela não admite (e sabota) qualquer intenção mais séria de austeridade orçamentária. O ministro tem credibilidade. Mas o governo que ele representa não tem tutano.